

FOLHA DE VILLA VERDE

Representante, ANTONIO MARIA BARBOZA.

Administrador, BERNARDO A. DE SÁ PEREIRA.

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS—Anno 12500 réis.—Semestre 800 réis.—Anuncios linha 40 réis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicado 50 réis a linha
Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da «Folha de Villa Verde»—VILLA VERDE.

VILLA VERDE—1888

Cartas do campo

Meu caro O. Martins. Aqui ha dias estive no norte; e encontrei-me casualmente em uma feira, uma romaria, uma festa popular qualquer—pouco importa o genero.

Era uma d'estas agglomerações de gente minhoto, em que os brancos das camisas e os amarellos e vermelhos dos lenços faiscam no sol claro, as pontas dos varapãos emergem dos grupos como uma seára de caniços, e, do vez em quando, se destaca uma cara lorpa de homem, uma linha gentil de rapariga. Sobre tudo isto pairava um ruido de conversas, de exclamações fortemente marcadas pelo accento da terra, de descantes alegres, de chulas rasgadas nas violas. Para além da multidão, como prolongando as suas cores festivas, corria o verde claro dos milhos do valle; ao fundo, uma encosta, vestida do verde quasi negro dos pinheiros; e n'uma quebra de terreno, ao longe, a linha horizontal e anilada do mar. Por cima, um ceu azul, intenso, cru, sem uma nuvem, sem uma velatura de vapor.

Envolvei-me no aperto de gente extranha e absolutamente desconhecida, com uma

sensação, contradictoria mas nada desagradavel, de isolamento e de companhia. Penetrava-me pouco a pouco aquella alegria animal, expansiva e communicativa, e depois, as cores, as formas, sobretudo a graça inimitavel das raparigas, eram uma verdadeira festa para os olhos. E, um momento, fiquei-me parado deante de uma d'ellas, que parecia resumir em si toda a singular elegancia da sua raça.

O chapeo de abas curtas cahia-lhe bem, sobre o lenço que lhe escondia o cabello. O corpete, um pouco levantado, marcava-lhe os peitos pequeninos e ainda ríspidos; e as mangas da camisa, enroladas até ao sangradoiro, descobriam-lhe em parte, os braços trigueiros, queimados, extremamente puros de forma. No andar desembaraçado, mostrava o jogo livre dos quadris, dando uma oscillação ás pregas miudinhas da sua saia de lã, e plantando os seus pés descalços tão firmemente, que parecia tomar posse do solo que pisava. Por baixo de todo aquelle vestuario sentia-se o nú, bello e robusto, tal qual se sente em uma estatua grega sob as roupagens de marmore. E todas as cores fortes do seu traje, feridas pelo sol, se ligavam harmonicamente entre si, sem uma nota falsa; e não entresi, mas tambem com os verdes da

veiga, com o azul violento d'aquelle céo meridional. Esta rapariga era assim elegante por instincto, ou antes por tradição, por uma serie de instinctos accumulados, por uma especie de selecção natural, que, lentamente, em muitas gerações, tinha amoldado as linhas e os tons do seu vestuario á natureza que a rodeava.

Involuntariamente, por uma associação natural de idéas, lembrei-me das senhoras realmente elegantes, que tenho encontrado aqui e alli, um pouco por toda a parte, porque são cosmopolitas. Cruza-se ás vezes uma d'ellas na rua de lá Paiz, impecavelmente vestida, no seu chapéu escuro, de uma linha simples, perfeitamente ligada com a linha do penteado, no seu casquinho ajustado sobre um colete que é uma obra de arte, nas suas luvas grandes, facilmente postas, nunca sujas e nunca novas em folha, nas suas saias de estofos molles e gentilmente apanhados, nos seus sapatos estreitos, apertados e parecendo largos. E tudo isto discreto, de cores finas, um pouco neutras, fugitivas e fundidas no tom vago da multidão, das grandes casarias cinzentas, do céo vellado e encantador de Paris.

Esta senhora não é nem mais nem menos elegante do que a lavradeira, por-

que ambas são absolutamente elegantes, e o absoluto exclue a comparação. E sobre tudo—circumstancia essencial—ambas estão absolutamente á sua vontade, ambas trazem o seu vestuario como se tivessem nascido com elle, como se fôsse a sua pelle, como um faisão traz a sua plumagem. Sómente, a lavradeira é elegante por instincto e por tradição, enquanto a outra é elegante pela sciencia, pelas mais requintadas e subteis combinações.

Involuntariamente ainda, por uma associação talvez menos natural de idéas, lembrei-me da Avenida ao domingo: das meninas magrinhas e ataviadas; das modas importadas de Paris, e copiadas na Baixa; dos vestidos tirados a cem mil exemplares, como um prospecto do *Printemps* das confecções sempre da mesma feição; das *visites* de fancaria; dos chapéus atrevidos; e sobretudo do ar, ao mesmo tempo satisfeito e contrafeito, de quem põe estas coisas por excepção.

De todas estas associações de idéas e de imagens—de que a minha lavradeirita era o ponto de partida, innocente o inconsciente—cheguei a concluir, que n'esta subtilissima e melindrossissima materia do vestuario feminino, a ausencia de civilização póde ser boa, e a civilização completa póde

ser excellente—a meia dose e ferrível.

Mas como eu sou—e v. já terá notado—um espirito tímido e meticuloso, avesso a conclusões precipitadas, desejoso de penetrar no amago das questões, de conhecer a razão das coisas, de saber *pourquoi votre fille est muette*, como dizia o *Sganarelle*, fiquei-me perplexo deante d'esta interrogação: Porque ha de ser tudo ou nada!

E depois de muito scismar pareceu-me que o segredo devia estar na originalidade—originalidade collectiva e espontanea na lavradeira, originalidade adquirida e individual na senhora. E', mal comparado, o mesmo que succede com os espiritos. Póde ser interessante conversar com um cabreiro, ou com um pescador, e é de certo interessantissimo conversar com o Taine—tomo este nome, que me serve de symbolo, no estrangeiro, para não melindrar pela escolha as susceptibilidades da terra—porque o cabreiro e o pescador ainda não foram envelvados pelas idéas correntes, e o Taine, á custa de esforços sobre humanos, se desembaraçou d'ellas.

Mas entre os extremos, n'osta nossa epocha de telegraphos, telephones, encomendas postaes, e outras invenções do diabo; entre os extremos, tudo o mais, vestidos, fraques e

FOLHETIM

BIGARREAU

por
ANDRÉ THEURIET

(TRADUÇÃO PORTUGUEZA)

I

No rosto pintalgado de sardas desenhou-se-lhe com um sobresalto jubiloso e os olhos azues acenderam-se-lhe em um clarão fugaz.

—Numero vinte e quatro! gritou rudemente a guarda-mor você estará estropeado que se fique ahí de plantão? Marche-me para a fórmia; já n'um promptol!

De novo se carregou o semblante do pequeno e Yvert, que o contemplava de frente, ganhou medo á expressão feroz, avêlhada e hypocritamente docil que revestiu

de subito aquella esqualida cabeça de adolescente.

Sempre cantando, a columna entrou no pateo da abbadia e as grades ferreas do portão fecharam-se-lhe em cima brutalmente, mas a recordação d'aquelle mascara livida e movel, entrevista um momento no deslizar do cortejo, permaneceu gravada no cerebro do inspector florestal.

De noite, ao entrar no quarto, voltou espontaneamente á idéa. Parecia-lhe ter encontrado algures uma cara semelhante á do numero vinte e quatro; mas era tudo tão apagado, tão indistincto, que a tal cara não póde ligar um nome. A coisa não era de importancia e no dia seguinte passou-lhe da memoria.

Dias depois, almoçando elle só, disse-lhe a hospedeira que o servia, e era soffrivelmente loquaz;

—A proposito, ó sr. Yvert, viu os pequenos que andam nas obras da prisão?

—Vi, porque?

—Porque ha um que é da sua

terra e que o reconheceu ao passar.

Yvert tornou a lembrar-se dos olhos azues arregalados e do ar de alvorago do numero vinte e quatro; havia de ser aquelle por força, mas debalde esquadrihou reminiscencias, não atinou com a menor indicação precisa respeito áquella creança da sua terra, que tinha vindo naufragar na casa de correcção. A aventura todavia não deixou de o intrigar e fel-o exprimir o desejo de vêr de perto aquelle seu patricio, tão novo, quanto precoce. A empresa era facil: a hospedeira captivára os affectos do guarda-mór e prometeu a Yvert trazer-lhe no dia seguinte o preso.

De tarde, ao jantar, appareceu o director: estava entusiasmado com o bonito porte dos seus pequenos; era um não acabar de elogios.

—São encantadores!—repetia.—E entretanto, veja o senhor, não passam da escoria da sociedade. Ha entre elles incendiarios

e homicidas, que estão mansos como cordeiros. Ah! tem o resultado da nossa disciplina moral e physica. D'essas creaturas pervertidas, fazemos trabalhadores, como se fabrica o bom panno fino com ignobeis rebotalhos. E' a solução da questão social... e talvez tambem o da questão economica. Os meus valentes custam ao Estado cincoenta centimos diarios por cabeça e transportam terra como carregadores de officio a quem seria preciso pagar á razão de tres francos. Reducção na despesa da mão de obras e moralisação da especie: eis o verdadeiro progresso humanitario.

O inspector chegou a erguer a lingua para requisitar esclarecimentos sobre o numero vinte e quatro; mas apezar do seu humanitarismo, o director de beiços acutilados e olhar duro inspirou-lhe minguada confiança. Receando chamar sobre o mysterioso patricio a attenção d'aquelle temivel apostolo do progresso por meio da disciplina e do trabalho a infli-

mo preço, preferiu esperar e julgar por seus proprios olhos.

No dia seguinte a estelajadeira introduzia no quarto do Yvert um rapazelho de obra do quinze annos, com quem o deixou a sós. Era effectivamente o numero vinte e quatro. Amarellado, gordo, apertado no uniforme de trabalho, conservava-se de pé com o barrete na mão. A cabeça loura, rapada á escovinha parecia uma bola; os astutos olhos azues abaixavam-se e erguiam-se alternadamente, como se o dono quizesse estudar e apalpar o interlocutor antes de se abrir.

—Então o senhor não me conhece—perguntou emfim com voz entre zombeteira e tímida—pois olhe que lhe fiz mais de um recado quando o senhor esteve na Villotte. Instantaneamente despertaram as recordações de Yvert.

—Bigarreau! exclamou. Agora é que recordava aquelle garotinho de oito annos, de cabellos cõr de palha, enmarranhados como silvedos, que vagahundeava pelas

idéas, anda talhado pelo mesmo molde. E todos, como a real effigie de Sua Magestade britannica nas libras sterlinas, estão mais ou menos gastos, de roçarem pelos balcões das mercearias, materiaes ou intellectuaes.

E' este o effeito, que me faz a semi-civilisação, sobretudo quando é cosmopolita e importada, quando não foi lentamente elaborada no seio de um povo, quando destruiu as tradições em lugar de se identificar com ellas, quando se não inspirou no genio nacional nem o penetrou profundamente, mas ficou á superficie, como uma lambedadella, um verniz mal applicado, que não pega e estalla. Porque nada ha de mais irritante, de mais discordantemente vulgar, de mais desequilibradamente anti-esthetico do que o simples traço exterior da civilisação puramente material.

Escrevia justamente estas linhas quando o correio me trouxe a carta de um amigo intimo e querido, que se acha longe, nas afastadas terras da Africa oriental. Entre outras coisas interessantes, conta-me elle, que, estando no interior, em umas palhoças de negros das margens do Incomati, pediu lume a um d'elles. Esperava naturalmente, que o selvagem esfregasse dois pausinhos secos até os inflamar, ou procedesse de outro qualquer modo, egualmente desusado e pittoresco. Mas o cafre nú tirou tranquillamente da sua bolsa de pelle de antilope uma caixa de phosphoros amorphos, e offereceu-lha. E diz-me o meu amigo—um espirito fino e observador—que esta simples caixa, tendo escripto em cima *Lion safety matches*, lhe estragou completamente o effeito do selvagem, e das vastas solidões do Incomati, orlado de grandes arvoredos sombrias, povoado de crocodilos.

E note-se, que o selva-

gem, continuava a ser perfeitamente selvagem, prompto a deslindar criminalidade de um accusado pelo veneno, a assassinar traiçoeiramente um inimigo, a vender todas as negras e negrinhas que lhe viessem parar ás mãos. No seu cerebro não havia penetrado nem uma unica scintilla da eterna civilisação do espirito; mas na sua bolsa de pelle de antilope trazia uma caixa de phosphoros amorphos aperfeiçoados, ultima palavra da chimica moderna.

Pois d'estas caixas de phosphoros, d'esta civilisação de *pacotilha*, espalhadas assim aos quatro cantos do universo, quantas encontramos nós no nosso Portugal! Com a differença, essencial e radical, que a tal caixa, no Incomati pode apenas estragar o effeito pittoresco de uma terra barbara, emquanto aqui poderia perverter uma velha cultura, fina e funda, que dura ha seculos, que creou uma litteratura, que vibrava já nas paginas de Fernão Lopes, e vibrava ainda ha pouco na prosa de Herculano, e nos versos de Garrett—para não citar os vivos. Mas esta materia é demasiado intrincada para ser assim tocada de passagem; o talvez, se para tanto tiver força e paciencia, me dê assumpto para alguma carta futura.

A historia do cafre do Incomati, e dos seus *mafofes*, como elle lhes chamava, com quanto viesse perfeitamente ao caso, desorientou-me. Perdi o fio, e perdi de vista a minha lavradeira. E é pena, porque esta carta—como v. já decerto teria percebido—esta admiravelmente architectada; era uma carta symbolica e metaphisica, na qual a lavradeira representava o Portugal velho, e a menina da cidade—que ainda ha de ser mais perfeita, quando funcionarem os lyceus femininos—devia representar o Portugal novo, civilisado e progressista—protesto solem-

nemente, que empreguei o ultimo adjectivo sem a mais leve allusão politica.

Agora, o mal está feito, e não ha tempo para o remediar. Ahi vae, pois, a

carta tal qual está; e que Deus vos tenha na sua santa guarda, e vos livre dos romances modernos.

F. de Mello.

PEROLAS E DIAMANTES

ETERNO FEMENINO

Quando tu passas, tímida, sorrindo,
Alegrando-me a alma dolorida,
Quisera ser a pedra endurecida,
Onde poisas o pé pequeno e lindo.

Quando tu passas, tímida, sorrindo,
N'uma alegria candida, sentida,
Eu sinto-me surgir, de novo, á vida,
E fico todo n'um prazer infinito.

Para a minha alma pallida e sombria,
Desponta o sol purissimo do dia,
Intundando-a de luz serena e pura;

Mas depois do teu vulto perpassar,
Quando me falta a luz do teu olhar,
Depois,—vem outra vez a noite escura.

Eduardo Coimbra.

O mildiu

Continua a invasão do mildiu nos vinhedos do minho: reappareceram os filamentos fructiferos na pagina inferior das folhas e quasi com a mesma intensidade com que se manifestaram em junho.

Parece que a *agua celeste* não dá o resultado que a principio se suppunha, por chusa da chuva que cahiu após a pulverisação.

Proseguem, todavia, nas vinhas do nosso amigo Aranjó Pimentel, em Soutello, as experiencias relativas ao tractamento da nova doença. Ensaíaram ante-hontem applicação do *caldo bordelez*, mas o pulverizador Broquet, que tem a agulheta com o orificio muito estreito, não se prestou bem á experiencia. Vae ser modificada a agulheta do pulverizador, afim de ser mais facil o emprego do *caldo cuprico*.

Exposição de Lisboa

Consta-nos que se está procedendo ao exame dos vinhos da exposição agricola de Lisboa.

Escola da Lage

Termina no dia 11 do proximo mez d'outubro o concurso da escola d'ensino elemental da freguezia da Lage, d'este concelho.

Partido medico

São concorrentes ao 2.º partido de facultativo d'este municipio, que comprehende a area da Ribeira de Penella, os srs. Manoel Belles da Costa Almeida Ferraz e Pedro Nunes de Sousa.

O prazo do concurso terminou no dia 17 do corrente.

Estada

Esteve quinta-feira passada n'esta villa o sr. Sousa dos Santos, digno regente agricola do sertiço n'esta região.

Estrada real n.º 3

Acha-se n'um deploravel estado a estrada real n.º 3, na parte com-

prehendida entre esta villa e a parte do Bico. Como o cascalho está reduzido a terra, a estrada tornar-se-ha intransitavel logo que venham as primeiras chuvas d'outubro.

E' necessario, pois, que se proceda á respectiva reparação em quanto é tempo.

Pedimos providencias ao digno director das obras publicas d'este districto.

Chegadas e partidas

De regresso da praia da Povoia encontra-se entre nós o meritissimo juiz de direito d'esta comarca.

Encontra-se a banhos na praia d'Ancora, o nosso collega d'esta redacção Abilio Maia.

Foi para a Povoia com sua familia o sr. José Joaquim Peixoto, negociante d'esta villa.

Vindimas

Está bastante adiantada a maturação da uva. As vindimas talvez principiem na semana proxima; mas era conveniente que se demorassem até á segunda semana d'outubro. A producção deve regular por metade da de 1887.

Crime ?

Na madrugada do dia 13, appareceu morto com uma bala de revolver, o sr. José Antonio da Motta Lima, solteiro, residente na villa de S. Paio do Pico, e que possuia alguns bens de fortuna que adquirira na Africa.

Esta morte tem dado lugar a differentes vozes. Uns dizem que Motta Lima se suicidara em vista de não poder por mais tempo soffrer os incommodos horribes d'uma doença que tinha de ha muito. Outros attribuem a morte a um assassinato, que foi commetido com o fim de não dar tempo a que Motta Lima reformasse o testamento que deixou e que, segundo se diz, elle pensava em reformar no dia em que appareceu morto.

As versões misturam-se. A verdade será difficil d'apurarse. No entanto a justiça segue no caminho das averiguações.

Motta Lima vivia em companhia

ruas da povoação em camisa velha e calças esfarrapadas, e que sabia trazer esses andrajos com tanta naturalidade e tão graciosa brejeirice. As faces rechonchudas e rosadas, os labios cor-de-cereja madura, tinham-lhe grangeado aquella alcunha de *Bigarreau*, adoptada por toda a gente do sitio. Filho de pae incognito e de uma pobre que o deixava á mercê de Deus, vivia na propriedade publica e exercia com graça espontanea e ladina cem misteres diversos, o menos deshonroso dos quaes era levar as cartas de namorado dos estudantes ás costureiras dos suburbios.

De verão, no tempo balnear, guardava os fatos dos banhistas sentado á sombra, na margem do rio, fumando cigarros e rindo ás gargalhadas quando algum novico perdia a hoia um momento e *bebia um golo*. No inverno refugiava-se na barraca da assadeira de castanhas, partia a lenha miuda, mantinha uma fogo esperto por baixo do fogareiro de barro e sem-

pre ia apanhando mais aqui mais aculé umas castanhas bem louras, que primeiro lhe aqueciam os dedos e depois lhe serenavam os clamores no estomago vazio. Todos esses pormenores acudiam á memoria de Yvert com grande limpidez.

Examinava aquelle rosto balfo de onde haviam desertado as rosas cores sadins e onde a permanencia da prisão já imprimira em volta dos olhos e aos cantos dos labios os signaes de uma depravação precoce. Perguntava á sua consciencia se, encaregando outrora aquelle garotinho de levar cartas de amor ás costureiras de Villette e alimentando assim os seus habitos do vagabundo, não fóra dos primeiros a dar-lhe o impulso que o levava até á Central. Sentia-se meio responsavel por aquella corrupção e era com um gesto de piedade quasi affectuosa que examinava o rapazelho de barrete na mão a bambaleur-se.

—Pois és tu, Bigarreau? repeti-

—Sou eu, sim senhor, — respondeu o preso. E os olhos animaram-se-lhe e a phisionomia aclarou-se-lhe até o sorriso.

—Pobre rapaz! e vieste dar comtigo na cadeia?

—Pois ahi está—replicou então Bigarreau sem o menor embaraço—tudo vae da sorte da gente. Lembra-se que de verão andava eu na Brie de guarda nos fatos de banho? Pois um dia fui a sacudir umas calças e cahiu-lhes do bolso uma moeda de 5 francos, do chão. Nunca tinha visto tanto dinheiro junto; ardiame as pontas dos dedos. Perdi a tramontana, peguei na moeda e fugi.

Palavra que, ainda a não tinha sentido no fundo do bolso, e logo me vieram desejos de tornar a traz a pó-a nas calças do dono outra vez.

Mas por desgraça, já me tinham visto: filaram-me, toca! Primeiro cadeia e depois tribunal, onde os juizes me condemnaram a ficar de gaiola até aos vinte e um. Ora

isto é o que se chama ter má sorte, pois não é?

Narrava com voz já rouca, onde havia á mistura indifferetismo e impudencia. Yvert perguntou-lhe que tal achava o regimen tão preconizado pelo director.

Então annuevou-se-lhe o semblante e, avangando o labio inferior, fez uma careta significativa:

—Pecados da gente! digo-lhe que é pouco divertido. Mandaram-nos de C... com uma sopa na barriga e desde que aqui chegamos andamos nos aterros á beira da matto, onde ha de ser o cemiterio da prisão. Dez horas a carregar terra debaixo da turreira do sol. E depois, má comida feijões de manhã e á noite, e biscoutos, á moda de sobrezeza. Os guardas malham como em seara alheia. Ah! *sr* Yvert, onde vae o tempo em que eu andava na bruceadeira á beira do rio da Villette e via as aranhas d'agua dando ás pernas á flôr da corrente... A mim agora é que me appetite dar ás pernas...

Mas o senhor director, nem lhe falei n'isso que se aborrece a gente n'esta sua caixinha. «Todos frescos como alface e alegres como nem colovias.» Quer que a gente cante para metter na cabeça aos de fóra que andamos nas nossas quintas; olha a farça!

E lembrar-me eu que ainda tenho para cinco annos! Quer que lhe diga? Não me sinto com vontade de acabar o tempo.

O olhar scintillava-lhe e piscava mysteriosamente os olhos. Terminou o discurso pedindo ao patricio uns cobres «para tabaco».

Yvert deu-lhe uma moeda de prata e temperou-lhe o presente com um grãozinho de moral. Bigarreau introduziu a peça no ferro do barrete, ouviu o sermão com gesto ironico e, pretextando que estava a cahir a hora de recomeçar o trabalho, despediu-se, com uma cortezia, do inspector-mór das florestas.

d'uma creada e tinha um homem para o tratar.

O nosso prezado collega que escreve de Braga para o «Primeiro de Janeiro», foi que, sem fundamento algum, e decerto procedendo por informações menos leaes, lançou a opinião publica no caminho das desconfianças. Antes de apparecer no «Primeiro de Janeiro» a noticia a que se alludia a este acontecimento, não houve uma unica pessoa que se lembrasse de que a causa da morte de Motta Lima, fosse proveniente d'um crime.

Cremos que não ha motivos para taes suspeitas, attentas certas circumstancias que se deram. Esperemos o resultado final.

O leite

Com este nome vende-se por ahi, todas as manhãs, uma aguadilha esbranquiçada que, Deus sabe! as misturas que contém, nocivas á saúde.

Hoje que por toda a parte a questão palpitante, e de todo o interesse, é aquella que tem por fim pôr ao abrigo de todos os contra-tempos a saúde publica de todos nós, não se pôde consentir que livremente se vendam generos falsificados.

E' de toda a utilidade que se exerça uma rigorosa e enérgica pressão sobre os vendedores de todos os generos e principalmente d'aquelles que, como o leite, podem muito directamente causar graves inconvenientes sendo adulterados.

Esperamos que a digna camara d'este concelho se empenhará para que a fiscalização sobre este ramo de serviço seja feita com todo o cuidado e amudadas vezes.

Testemunhas falsas

N'esta comarca não é difficil encontrar em qualquer processo quem jure falso. O mais leve pedido faz vergar uma testemunha, levando-a a faltar redondamente á verdade.

Isto ve-se ahi todos os dias, com manifesta vergonha de nós todos. No entanto é raro instaurar-se um processo pelo crime de prejuizo, apesar de muitas vezes haver fundamentos bastantes para isso.

Tanto do honrado e dignissimo juiz de direito d'esta comarca como do sr. juiz ordinario, pedimos que adoplem providencias, com o fim de culpar aquelles que põe a consciencia ao preço de qualquer pedido.

Cartas do Campo

Transcrevemos do «Reporter» o magnifico artigo que com este titulo hoje publicamos que é devido á penna d'um distincto escriptor que assigna modestamente com um nome supposto.

Casamento

Uniram-se pelos laços do matrimonio, o sr. Manoel José d'Oliveira, com a sr.^a Anna Santos, filha do sr. Manoel José dos Santos, negociante d'esta villa.

Desejamos-lhes mil venturas.

Fallecimento

Falleceu no dia 16, uma innocente filhinha do nosso amigo o sr. Luiz Manoel Crespo, digno encarregado da estação telegrapho-postal d'esta villa.

Alice Beatriz,—que assim era o nome da desventurada creança,—deixou inconsolaveis seus extremos paes que com tão duro golpe soffreram uma pungentissima dôr.

Os nossos mais sentidos peza-mes.

ANNUNCIOS

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

No inventario a que se procede por obito de Joaquim de Oliveira, morador que foi no logar de Fan, freguezia de Maarncos d'esta comarca, correm editos de trinta dias, a citar todos os credores e legatarios desconhecidos ou rezidentes fóra da comarca, para deduzirem seus direitos, na partilha addicional, nos termos do § 4.º do art. 696 do Codigo do Processo Civil.

Villa Verde 3 de Setembro de 1888.

O escrivão,

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito

(132)

Magalhães.

Comarca de Villa Verde

Editos de 30 dias

Por este juizo e cartario do 2.º officio, a cargo do escrivão Telles, correm editos de trinta dias, nos termos do § 4.º do artigo 696 do Codigo do Processo Civil citando todos os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora d'esta comarca para deduzirem os seus direitos no inventario entre maiores a que se procede por obito de Francisca Rodrigues, moradora que foi, no logar do Carredal, da freguezia de Moure, d'esta mesma comarca em que é inventariante, o viuvo João de Souza Novo.

Villa Verde 27 d'agosto de 1888.

O escrivão,

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão

O juiz de direito

(133)

Magalhães.

Praia de banhos d'Apulia

Continua o Restaurante Barcellense da Cazoria. Preços reduzidos. (127)

Caminhos de Ferro do Minho e Douro

Serviço combinado com a Companhia do Caminho de Ferro do Porto á Povoa e Famalicão

AVISO AO PUBLICO

Temporada de banhos do mar na Povoa de Varzim desde 1 de Julho até 15 d'outubro do corrente anno, vender-se-hão de Braga bilhetes de IDA E VOLTA de todas as classes para a Povoa de Varzim, validos pelo prazo de 60 dias pelos seguintes

PREÇOS

De Braga á Povoa 1.ª 15410
de Varzim e volta 2.ª 15280
3.ª 800

OBSERVAÇÕES

Não se vendem meios bilhetes de ida e volta. É concedido a cada passageiro o transporte gratuito de 30 kilogrammas de bagem. Os excedentes d'este pezo serão taxadas em conformidades com as tarifas geracs de cada uma das linhas.

Os passageiros com bilhetes de 2.ª classe das linhas do Minho e Douro em logar de 1.ª na linha da Povoa, e as de 3.ª classe em 2.ª.

Porto 20 de junho de 1888

Augusto Cesar Justino Teixeira.

Caminhos de Ferro do Minho e Douro

AVISO AO PUBLICO

Feira annual em Famalicão

Nos dias 28, 29 e 30 do corrente

Por este motivo, vender-se-hão, nas estações abaixo indicadas, bilhetes de IDA e VOLTA pelos seguintes preços:

Das estações abaixo designadas para a de Famalicão e vice-versa

	1.ª cl.	2.ª cl.	3.ª cl.
Porto	950	740	530
Rio-Tinto	810	630	450
Ermeziñde	690	640	390
S. Romão	500	390	270
Trofa	290	230	107
Nine	210	170	120
S. Bento	410	320	230
Barcellos	560	440	320
Tamei	810	630	450
Barrozellas	1070	830	590
Darque	1290	1010	720
Vianna	1430	1110	800
Arentim	380	300	210
Tadim	470	360	260
Braga	630	500	360
Vallongo	920	720	510
Recarei	1170	920	660
Cette	1320	1020	740
Paredes	1460	1140	810
Penafiel	1550	1200	860

CONDIÇÕES

Estes bilhetes serão avaliados, para a IDA, em todos os comboios

ordinarios dos dias 28, 29 e 30 do corrente; e para a VOLTA pelos mesmos comboios de qualquer d'estes dias e do dia 1.º de outubro proximo futuro.

Não se vendem meios bilhetes de IDA e VOLTA.

Porto, 12 de setembro de 1888.

O Engenheiro-Director,

Augusto Cesar Justino Teixeira.

Contribuição industrial

Carta de lei de 9 de Maio de 1888

Que modifica e altera algumas taxas e estabelece a forma de pagamento da dita contribuição (conforme a edição official).

A' venda nas livrarias e kiosques da capital. Preço 30 reis.

Pedidos a F. A. de Matos, rua de S. Domingos, 39, 2.ª LISBOA.

CAMINHO DE FERRO DO MINHO E DOURO

Serviço combinado com as Companhias Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Beira Alta, Porto á Povoa e a Famalicão, Guimarães e Madrid a Cáceres e a Portugal.

Temporada de banhos e aguas thermaes

EM PORTUGAL

Tarifa temporaria para bilhetes directos por preços muito reduzidos

Das estações da frente ás abaixo indicadas ou vice-versa	Classe	Braga, Barcellos, Vizella ou Povoa	Vianna ou Caldas d'Arégos	Ancora, Caminha, Valença, Molêdo ou Regoa
Torrijos a La Calzada	1.ª	8:100	8:280	8:640
	2.ª	5:040	5:400	5:580
	3.ª	3:600	3:960	4:140
Navarmoral a Casar	1.ª	7:200	7:380	7:740
	2.ª	4:500	4:860	5:040
	3.ª	3:060	3:420	3:600
Caceres a Herrerueta	1.ª	5:400	5:580	5:949
	2.ª	3:960	4:320	4:500
	3.ª	2:880	3:420	3:420
S. Vicente a Valencia	1.ª	5:040	5:220	5:580
	2.ª	3:780	4:140	4:320
	3.ª	2:700	3:060	3:240

OBSERVAÇÕES

1.ª Estes bilhetes serão vendidos no sentido ascendente, isto é de Portugal para Hespanha, desde 15 de julho até 31 de outubro e no sentido descendente, de Hespanha para Portugal, desde 15 de junho até 15 de setembro.

2.ª Não se concedem meios bilhetes.

3.ª Os passageiros tem direito, em ambos os sentidos, a ficar em uma estação anterior á designada nos seus bilhetes como destino, mas sempre situada alem das fronteiras em qualquer dos sentidos, isto é: além de Marvão, no sentido Portugal-Hespanha, e além de Valencia d'Alcantara, no sentido Hespanha-Portugal; e a retirar a sua bagagem onde se apearem, quando a tenham registrado para este ponto.

4.ª Aos passageiros que usarem d'esta faculdade, será recolhido o bilhete na estação em que se apearem, perdendo, portanto, o direito ao percurso que deixarem de effectuar

5.ª A' sua passagem pelo Porto, os passageiros terão a faculdade de demorar-se 5 dias n'esta cidade.

N'este caso, poderão retirar a sua bagagem no Porto, se a houverem registrado para esta estação.

6.ª No mencionado prazo de 5 dias incluem-se os da chegada e partida.

Se este prazo de 5 dias for ultrapassado, tornar-se-ha nullo o bilhete.

7.ª Estes bilhetes serão unicamente validos para os comboios que estabeleçam communicação directa entre os pontos de procedencia e de destino dos passageiros e na composição dos quaes haja caruagens da classe que nos bilhetes for designada.

8.ª Ao passageiro que durante a viagem occupar classe superior que o seu bilhete indique, será feita a respectiva cobrança supplementar, em conformidade com as tarifas de cada linha, e não segundo os preços especiaes d'esta tarifa temporaria.

9.ª Os portadores de bilhetes de 1.ª classe d'esta tarifa gozam de regalias eguaes, ás de que disfructam os passageiros com bilhetes ordinarios da mesma classe, quando quizerem utilizar logares de luxo ou comboios Sud-express e rapidos Sleeping-cars.

10.ª Concede-se o transporte gratuito de 30 kilogrammas de bagagem taxando-se os excedentes d'este peso pelas tarifas vigentes de cada linha e respectivas despezas accessorias.

11.ª As operabões aduaneiras a effectuar para a passagem da bagagem na fronteira ficam inteiramente a cargo do passageiro. As companhias combinadas não tomam, portanto, responsabilidade alguma por quaesquer atozos, detenções, avarias faltas etc., que se dêem as alfandegas durante as eporações de entrada ou de saída dos volumes de bagagens, quando por qualquer motivo ou pretexto, os agentes do fisco entendam sustar o seguimento dos volumes, abri-los ou praticar quaesquer actos que reputem necesarios.

O Engenheiro-Director,

Augusto Cesar Justino Teixeira.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LEITE BASTOS

Os Dramas d'Africa

romance de sensação
obra póstuma

Revisão, desenvolvido e completado
por Gervasio Lobato & Jayme
Victor, com desenhos de
Manoel de Macedo, executados
pelo processo Gillot.

Condições d'assignatura

Lisboa e Porto—Cada semana
serão distribuídas seis folhas de
oito paginas in-8.º francez, ou
cinco folhas e uma estampa pelo
preço de 60 reis, pagos no acto
da entrega.

Provincias — A assignatura
será paga adeantadamente, na
razão de 120 reis cada fasciculo,
franco de porte, contendo doze
folhas de oito paginas ou 1
gravura, cuja distribuição se rea-
lisará de duas em duas semanas.

Assigna-se em Lisboa na casa
editora CORAZZI, rua d'Alalaya,
40 a 50 e no Porto na sua Filial,
Praça de D. Pedro, 127, 1.º an-
dar.

GUIA DO NATURALISTA

colleccionador, preparador
conservador

por
Eduardo Sequeira

2.ª edição refundida e illustrada
com 131 gravuras

1 vol. br. . . . 500 reis

Pelo correio franco do porto a
quem enviar a sua importancia em
estampilhas ou vales do correio.

A Livraria—Cruz Coutinho—
Editora, Rua dos Caldeiros 18,
e 20. PORTO.

HENRIQUE ZEFERINO—EDITOR

Rua das Fanqueiros
Lisboa

Contos ao Yar

por
Julio Ventura

Um abençoado desterro —
a mulher do condemnado — O vulto branco. —
A irmã da caridade. — O
anjo da Providencia. — O
mendigo. — A louca das
prisões. — A Engeitada.

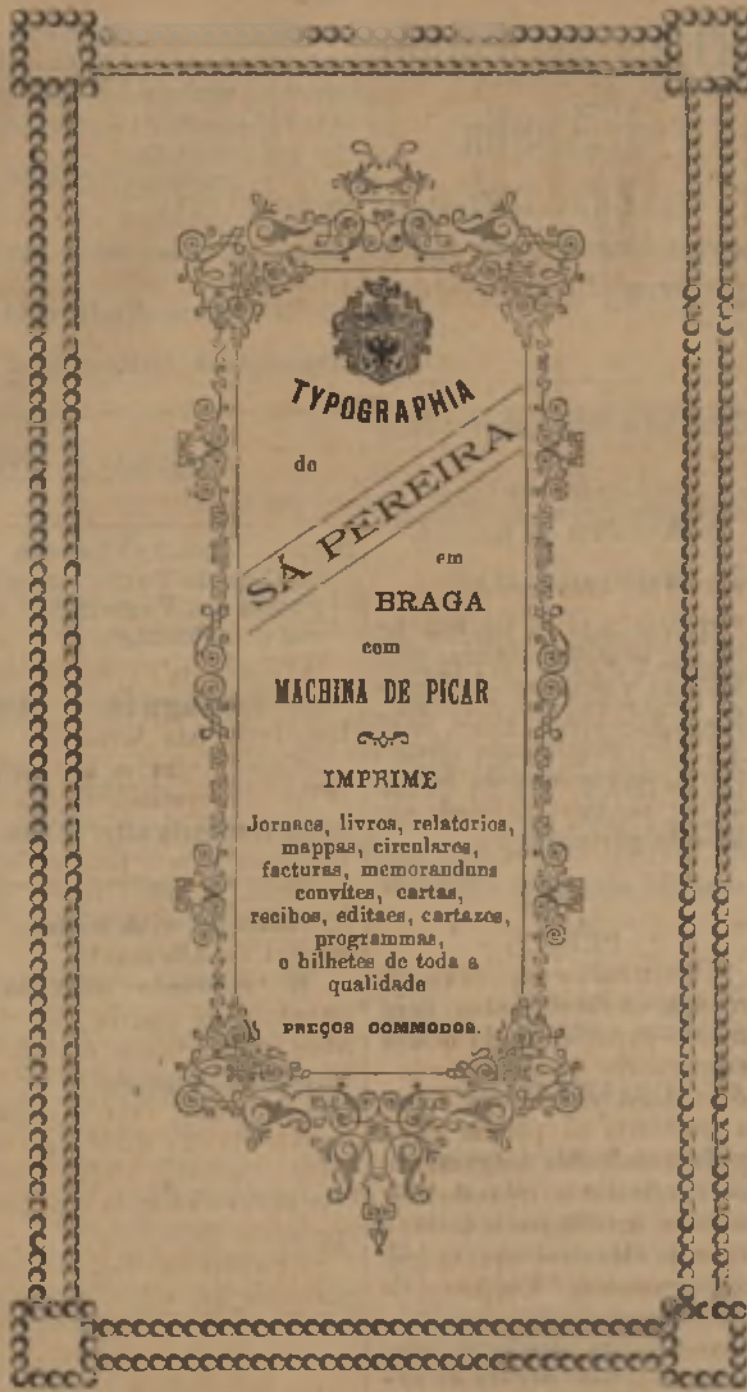
Um volume de 234 paginas im-
presso em bom papel e com uma
formosa capa a cores.
Pedidos ao editor.

Nossa Senhora de Paris

por Victor Hugo

Romance historico illustrado
com 100 gravuras novas com-
pradas aos editor parisiense Eu-
genio Huques. Esta obra é dis-
tribuída em fasciculos sema-
naes de 32 paginas ao preço de
100 reis, pagos no acto da en-
trega. Para as provincias é o
mesmo preço, mas só se ac-
ceitam assignaturas acompa-
nhadas da importancia de 5 fas-
ciculos adiantados.

Toda a correspondencia dever
ser dirigida ao editor Eduardo
da Costa Santos, rua de Santo
Ildefonso, 4, G—Porto.



BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217—Porto

A FELICIDADE

por
HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este no-
tavel romance, que póde sem receio entrar no sactuario
da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina,
cuja gravuras serão distribuídas gratuitamente a todos os
srs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos
madros e dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a
maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma
gravura, pelo modico preço de 120 reis cada fasciculo,
franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a
empreza não tiver correspondentes, as pessoas que dese-
jarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assi-
gnatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600
reis, receberão na volta do correio aviso de recepção, fi-
cando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exem-
plar gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza
Litteraria e Typographica, editora, 211, rua do Alma-
da, 217 — Porto.

IMPORTATE ACONTECIMENTO LITTERARIO

Acaba de sahir á luz o novo romance tão anciosamente esperado

OS MANIAS

Episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ

2 grossos volumes 2\$000 reis; pelo correio 2\$120 reis. — Li-
vraria Chardron—LUGAN & GENELINX, Editores— Clerigos
56—Porto.

EDIÇÃO MUMUNENTAL

ESSENCIA

da

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres
d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tendo sido distribuídas com a maxima regularidade 14 fasciculos d'esta
obra e o 1.º BRINDE, trabalho d'alto valor artistico que mereceu os
maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As copias para a encadernação são feitas expressamente para esta
edição.

A capa em separado custa 500 reis.

Para os assignantes que preferiram receber a obra aos fasciculos, con-
tinua aberta a assignatura.

Livraria Portuense de Lopes & C. — editores

RUA DO ALMADA 123 — PORTO

Guilomar Torresão

PARIZ

(Impressões de Viagem)

Um elegante volume de 438 pa-
ginas: preço 600 reis; pelo cor-
reio 650.

A vendana Livraria Civilisação,
de Eduardo da Costa Santos, edi-
tor, rua de Santo Ildefonso, 4 e
6—Porto.

EUGENIO CAPENDU

O rei dos Grilhetas

Drama da revolução portugueza
Com estampas de Manoel de
Macedo, executadas pelo processo
Gillot

Offerecidas gratuitamente

CONDIÇÕES

Lisboa e Porto—Cada semana
serão distribuídas seis folhas de
oito paginas in-8.º francez, ma-
gnifico papel, pelo preço de 60
reis, pagos no acto da entrega.

Provincias—A assignatura será
paga adeantadamente, na razão
de 120 reis cada fasciculo, fran-
co de porte contendo doze folhas
de oito paginas cuja distribuição
se realizará de duas em duas se-
manas.

Pedidos de assignaturas ou re-
quisição de prospectos, em Lisboa,
à casa editora DAVID CORAZZI
40, rua da Alalaya, 52, no DE-
POSITO, rua dos Retrozeiros,
153—1.º andar e a todas as li-
vrarias—NO PORTO: a FILIAL
da casa, Praça de D. Pedro 127,
1.º e ás principais livrarias—NA
PROVINCIAS: aos srs. corres-
pondentes.

OS ANTROS DE PARIS

Ultima producção de

Xavier de Montepin

Romance em 5 volumes, il-
lustrado com 15 chromo-lyto-
graphias, aguarelladas por Ma-
noel de Macedo e executa das
na lytographia Guedes. Traduc-
ção de A. M. da Cunha e Sá.
10 reis cada folha—10 reis
cada chromo—20 reis cada
capa habitualmente colorida.

Em Lisboa, 60 reis por se-
mana, pagos no acto da entrega.
—Na provincia, 120 réis, de
duas em duas semanas, pagos
adiantadamente.

Assigna-se na casa editora
David Corazzi, rua da Alalaya,
42, Lisboa.

ESSENCIA D'ENGLAETERRA

por

GUIZOT

E recolhida por sua filha Madame Vitt

Tradução de Maximiano Lemos Junior

Grande publicação illustrada com magnificas gravuras

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

A obra comprehenderá aproximadamente 60 fasciculo e será dividida
em 4 volumes. Publicar-se-ão dois fasciculos mensalmente, sendo dis-
tribuídos pontualmente no dia 4 e 16 de cada mez.

Em Lisboa o Porto serão distribuídos os fasciculos quinzenalmente,
mediante o pagamento no acto de entrega de 100 reis cada fasciculo. Nas
demais terras do reino, acrece a cada fasciculo o porte do correio, custan-
do por isso 110 reis. E todavia condição indispensavel a remessa á em-
preza da importancia de dois ou mais fasciculos adiantadamente, com o em-
penhe porte do correio. Para o Brazil o preço de cada fasciculo é de 400
reis fincos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS & C.
Praça d'Alto, 104—Porto.